

Português brasileiro: uma língua de metátese?

Dermeval da Hora

UFPB/CNPq

Stella Telles

UFPE

Valéria N. O. Monaretto

UFRGS



RESUMO – Neste trabalho, propomo-nos analisar a metátese no Português Brasileiro (PB). Esse fenômeno diz respeito à transposição de segmentos e de sílabas dentro de uma palavra. Tal alteração na sequência de elementos de uma sentença é vista, em alguns casos, como sendo um fenômeno irregular, esporádico e restrito a erros de fala ou à linguagem da criança. Apesar de não ser tão comum quanto processos como assimilação, dissimilação, apagamento etc., a metátese tem sido atestada na fonologia diacrônica e sincrônica de diferentes línguas. Neste trabalho, entendemos a metátese como um reordenamento de segmentos ou de traços dentro de uma sequência fonológica (BLEVINS; GARRET, 2004) e como um processo fonológico de inversão segmental, que pode ser investigado sob as perspectivas formal e funcional (HUME, 2004).

Palavras-chave – metátese no PB; transposição de sons; reordenamento de Sons.

Introdução

A metátese, processo que, em algumas línguas, envolve uma inversão na ordem linear dos sons sob certas condições, sempre foi considerada como sendo um fenômeno irregular, esporádico e restrito a erros de fala ou à linguagem da criança. A análise de manuscritos dos séculos XVII a XXI, entretanto, com a perspectiva de um estudo da fonologia diacrônica do PB, evidencia a metátese como um fenômeno muito mais produtivo na língua do que se supõe.

Os objetivos que circunscrevem esse trabalho são: (a) discutir sobre o processo da metátese como um fenômeno fonológico variável presente no PB; (b) analisar a ocorrência da metátese em manuscritos do PB dos séculos XVII a XXI, considerando variantes padrão e não-padrão; (c) refletir sobre a ocorrência da metátese à luz das propostas de Blevins e Garrett (1998; 2004) e Hume (2001; 2004; 2007).

Como hipóteses de trabalho, definimos: o PB é uma língua de metátese; a implementação da metátese em português se restringe a variedades não-padrão, representa fenômenos distintos, e sua explicação deverá ser mais facilmente alcançada a partir das perspectivas sincrônica e diacrônica; o uso da metátese não é aleatório, decorre da conjugação de fatores sociais e estruturais. Ao procedermos ao estudo sistemático da metátese nos manuscritos (FONSECA, 2003; OLIVEIRA, 2006) e em *corpora* de língua falada (HORA, 1993; TELLES, 2005), constatamos ser este fenômeno não aleatório e irregular como sempre se pretendeu esboçar. Ao contrário, há restrições que claramente condicionam sua ocorrência, a exemplo da direcionalidade, do domínio prosódico e do contexto segmental. Salientamos, portanto, que o estudo sistemático de um fenômeno aparentemente aleatório e irregular pode favorecer a compreensão do comportamento fonológico da língua, considerando aspectos estruturais e sociais.

Considerando fatores que envolvem produção e percepção, observamos a natureza não gradiente da metátese, do que resulta seu status mais marcado sincronicamente, de forma a se restringir, em ocorrência, ou permanecer em nível da variação, não se firmando como um processo lexical. Isso justifica o fato de ela ser fortemente regulada por fatores externos ou sociais. Dessa feita, para uma compreensão mais larga do fenômeno na língua, faz-se necessário seu estudo em variedade não-padrão, onde o controle social é menos saliente.

Este trabalho está assim estruturado: na seção 1, serão apresentadas algumas concepções acerca da metátese; na seção 2, serão apresentados os modelos teóricos que nortearão a análise; na seção 3, será discutido o fenômeno no PB em relação ao seu comportamento variável e fonológico; na seção 4, compreensão dos dados de metátese; e na seção 5, descrição dos dados à luz dos modelos teóricos propostos.

1 Sobre a metátese

Estudos sobre a metátese são muito escassos, principalmente quando se trata de sua ocorrência no PB. A sua aparente irregularidade e assistemática, talvez, tenham contribuído para o pouco interesse demonstrado por estudiosos que se dedicam à análise de certos

processos fonológicos, a exemplo da assimilação, dissimilação, apagamento etc., considerados mais comuns.

O termo Metátese (do grego *metaTesis* 'transposição, mudança de lado') é a transposição de sons; é uma mudança em que os sons trocam de posições com um outro dentro de uma palavra. A maioria dos exemplos de metátese, segundo Campbell (1998, p. 37), são esporádicos, mas a metátese também pode ser uma mudança regular.

Para Edwards e Shriberg (1983, p. 76), regras que permutam ou mudam a ordem dos segmentos são chamadas de regras de metátese.

Tais regras podem ser escritas de várias formas. Informalmente, elas podem ser escritas como segue: C1C2 → C2C1. Ambos os segmentos aparecem tanto no input como no output, mas sua ordem é invertida. Para ilustrar, uma regra de metátese comum inverte a ordem de /s/ e /k/ nos grupos /sk/ em posição final, como [æks] para ask em alguns dialetos do Inglês. Esta regra pode ser escrita informalmente como: sk → ks/ _ #.

Estudos mais recentes acerca da metátese têm sido desenvolvidos, dentre eles o de Blevins e Garrett (2004, p.3), segundo os quais os neogramáticos e estruturalistas consideraram a metátese como fenômeno marginal, precisamente porque ela pareceu contradizer as doutrinas padrão que separam a fonética da fonologia. Esses autores salientam que os especialistas que estudaram o problema chegaram a conclusões similares as de Grammont (1923), para quem a metátese de CC surge a fim de evitar grupos impronunciáveis. Grammont (1946) afirma que a metátese é também governada fonotaticamente: consoantes menos sonoras (aquelas com abertura menor) são sempre colocadas mais próximas de uma fronteira silábica e as consoantes mais sonoras mais próximas do núcleo silábico. Em outras palavras, diferente da maioria de outros processos, a exemplo da assimilação, a metátese era vista como processo fonológico direcionado para o output.

Estendendo tal concepção à metátese que atinge a relação Consoante-Vogal, Blevins e Garret (2004) sugerem quatro tipos de metátese:

- (i) metátese perceptual;
- (ii) metátese compensatória;
- (iii) metátese coarticulatória;
- (iv) metátese auditiva.

A metátese perceptual envolve traços de longa duração em cadeias multisegmentais que se espriam sobre uma sequência inteira; a compensatória é prosodicamente condicionada, o que significa que traços em uma sílaba fraca migram para uma sílaba forte; a coarticulatória

surge em grupos de consoantes com o mesmo modo de articulação, porém com diferentes pontos de articulação, e resulta de uma coarticulação facilitada pelos gestos articulatórios compartilhados; e a auditiva resulta da segregação auditiva do barulho sibilante do resto da cadeia da fala.

Esta tipologia não é, obviamente, aplicável a todas as línguas. No caso do PB, por exemplo, os tipos (i) e o (ii) podem ser detectados, como em “pergunta > pergunta” e “tábua > tauba”, respectivamente, mas não os (iii) e (iv).

A partir dos avanços teóricos do final do século XX, novas concepções acerca da metátese foram desenvolvidas, procurando justificar a sua análise não mais como fenômeno restrito a erros de fala ou à linguagem infantil, como as que trataremos nas seções a seguir.

2 Modelos teóricos

Para o estudo aqui proposto, serão considerados dois modelos: o de Hume (2004) e o de Blevins e Garret (2004). Tais modelos são os que buscam entender a metátese como um processo que merece a mesma atenção destinada a outros processos.

Hume (2004) apresenta uma proposta direcionada especificamente para os casos de metátese, a partir da observação de um conjunto de dados levantados de diferentes línguas. Central para ela, entretanto, é a metátese de consoante/consoante, complementada, quando necessário, por dados de metátese do tipo consoante/vogal.

A partir da análise dos dados, ela afirma: (a) a direção de mudança na metátese pode diferir de língua para língua, o que significa que uma mesma combinação em línguas diferentes pode assumir ordens diferentes; (b) para algumas combinações de sons, apenas uma ordem é geralmente observada interlingüisticamente como resultado da metátese, enquanto outra ordem parece apenas provável para outras combinações; (c) as pistas acústicas/auditivas para a identificação das seqüências que resultam da metátese são sempre melhor, ou otimizadas, se comparadas àquelas da ordem esperada. Assim, espera-se que um modelo bem sucedido para dar conta da metátese deva ser capaz de oferecer explicações para cada um desses aspectos.

Estes padrões, para a autora, podem estar subordinados a dois importantes fatores: (i) a natureza dos sons envolvidos, e (ii) a influência de padrões existentes na língua. Para que a metátese seja implementada, duas condições devem ser satisfeitas:

- deve haver indeterminância no sinal;
- a ordem dos elementos oposta à que ocorre no input deve ser atestada na estrutura da língua.

Indeterminância no sinal diz respeito à experiência do ouvinte com os elementos envolvidos – sons, seqüências de sons, morfemas, palavras etc. – e à qualidade de informação no sinal, determinada pelos tipos de sons envolvidos, o contexto em que aparece, as pistas fonéticas presentes e assim por diante.

De acordo com esta proposta, a indeterminância estabelece os estágios para a metátese. O conhecimento dos padrões sonoros da língua de alguém influencia como o sinal é processado e, portanto, a ordem em que os sons são processados.

Para ser específico, a ordem inferida do sinal é consistente com o que ocorre mais freqüentemente na língua. Esta proposta é consistente com as primeiras especulações de Fay (1966: 88) ao considerar a metátese: ‘quando os ouvintes ouvem a fala que é esperada encontrar na língua nativa, suas identificações perceptuais são dirigidas por seu conhecimento das probabilidades seqüenciais na língua como também pelo estímulo acústico.’ (HUME, 2004, p.210).

Para Hume, entretanto, nem a natureza fonética dos sons envolvidos nem a familiaridade com as seqüências de sons da língua materna, isoladamente, são suficientes para oferecer uma consideração preditiva da metátese. É necessário levar em conta ambos os fatores para que se entenda por que algumas combinações de sons tendem a sofrer metátese, por que outras são favorecidas como o resultado dela, por que padrões de metátese diferem entre línguas, e por que a metátese ocorre em primeiro lugar.

Na concepção de Blevins e Garret (2004), a metátese tem colocado, para a teoria fonológica, problemas de duas naturezas: (a) ela tem resistido a análises em termos de mudança foneticamente natural ou de motivação sonora; (b) o reordenamento dos sons na metátese tem exigido formalismos fonológicos altamente restritivos. Para os autores, a metátese pode, apesar dos problemas mencionados, ser explicada de forma foneticamente natural, baseada nas mesmas hipóteses necessárias para entender outros fenômenos fonológicos.

Blevins e Garret, ao discutirem a evolução da metátese, afirmam que seu objetivo é mais programático. Segundo esses autores, nos anos atuais, os fonólogos tendem a aceitar a visão de que os padrões fonológicos, tanto intra como interlingüísticos, podem ser explicados com base nas descobertas da fonética experimental, porém não há consenso que determine a ligação explanatória entre a fonética e a fonologia. Buscando contrastar essas duas áreas, os autores se valem de duas abordagens: a *otimização fonética* e a *fonologia evolucionária*.

A otimização fonética procura explicar os padrões fonológicos como o resultado da otimização de alguns aspectos da fonética e

também como a facilidade articulatória ou a saliência perceptual, que coaduna a perspectiva de Hume (2004) acima mencionada. Nesta visão, “os padrões sonoros podem ser explicados pela otimização fonética que eles produzem, e as mudanças sonoras ocorrem porque seu output é foneticamente melhor de alguma forma – por exemplo, mais fácil para articular ou perceber”. Esta abordagem, apesar de ser defendida por vários estudiosos, não é a contemplada por Blevins e Garrett (2004).

Para eles, as regularidades diacrônicas desempenham papel importante para determinar a tipologia fonológica.

Desde que os sistemas fonológicos reais têm evoluído diacronicamente, suas propriedades refletem restrições sobre as mudanças sonoras como também restrições sobre a natureza dos sistemas fonológicos. Explicações para os padrões fonológicos podem residir na análise sincrônica ou na evolução diacrônica. Que explicações surgirão em qualquer caso é problema que pode ser resolvido baseado na evidência, porém, visto que considerações históricas permitem modelos gramaticais mais simples, eles são preferíveis a qualquer outro. (BLEVINS; GARRETT, 2004, p. 2).

Um dos objetivos da fonologia evolucionária é ajudar a simplificar os modelos sincrônicos, desenvolvendo explicações diacrônicas foneticamente plausíveis para os padrões fonológicos.

Ao considerar a diacronia fonológica, qualquer modelo, de acordo com Blevins e Garrett, deve preocupar-se tanto com o mecanismo de mudança como com a causa de sua típica regularidade. A postura desses autores é de que a mudança sonora é causada, principalmente, pela reinterpretação baseada no ouvinte. Como isto pode acontecer?

Por exemplo, a seqüência fonética real pode apresentar um ouvinte com múltiplas análises fonológicas potenciais; ou um ouvinte pode simplesmente perceber mal o enunciado devido a tendências nos sistema perceptual; ou um ouvinte pode confrontar uma escolha da análise fonológica devido à variação do falante no continuum da fala ‘clara’ hiperarticulada orientada para o ouvinte para uma fala ‘casual’ hipoarticulada. No último caso, a reanálise reflete ambigüidade apresentada por formas fonéticas múltiplas no input, não a natureza ambígua de uma única forma fonética. (BLEVINS; GARRETT, 2004, p. 2).

Em relação à regularidade da mudança sonora, os autores entendem que isto se justifica pela mesma razão que os aprendizes da língua consistentemente classificam categorias fonéticas contextualmente determinadas com categorias fonológicas paralelas. Ao comparar diferentes abordagens para a mudança sonora, deverá ser enfatizado

que a questão da otimização é distinta da questão que diz respeito a se as explicações fonéticas para os padrões sonoros pertencem à área diacrônica ou à sincrônica. Considerando este aspecto, pode-se pensar em uma tipologia quádrupla:

- a. sincrônica + não funcionalista
- b. sincrônica + funcionalista
- c. diacrônica + funcionalista
- d. diacrônica + não funcionalista

Apesar de, na teoria fonológica, a abordagem padrão ser o tipo “a”, Blevins e Garrett (2004) optam pelo “d”, segundo a qual as explicações fonéticas desempenham um importante papel diacrônico na explicação dos padrões sonoros, mas a otimização é irrelevante; é irrelevante, mas não excluída.

A premissa central da Fonologia Evolucionária assumida por Blevins (2004) é a de que “as explicações baseadas em princípios diacrônicos para os padrões sonoros têm prioridade sobre as explicações sincrônicas em competição, a menos que evidência independente demonstre que uma consideração sincrônica seja desejada”. Os modelos sincrônicos para os padrões fonológicos, dessa forma, podem ser simplificados pelo desenvolvimento de explicações diacrônicas foneticamente plausíveis.

A metátese, vista sob essa ótica, pode ser explicada de uma forma foneticamente natural, baseada precisamente nas mesmas hipóteses exigidas para entender outros fenômenos fonológicos. Donde se pode concluir que não há necessidade de se elaborar uma proposta teórica voltada especificamente para este fenômeno.

3 A metátese na língua portuguesa e seu comportamento fonológico

O processo de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra é um fenômeno antigo e persistente na Língua Portuguesa. Da passagem do latim para o português, há formas derivadas por metátese, que se consolidaram em uma única forma escrita no português moderno, como em *fenestra* > *fresta* e em *semper* > *sempre*. Já outras palavras mantêm registro gráfico variável em dicionários atuais, como é o caso, por exemplo, de *parlar*~*palrar* e de *enjoar*~*enojar*.

Conforme Silva Neto (1956, p.31), a metátese já existia no latim falado, denominado *sermo usualis*, como pode ser visto no *Appendix Probi*, no caso de “*glatri non cracli*”. Esse fenômeno parece ter se mantido ao longo da evolução do português e ter sido comum, como atestam Nunes (1945), Ali (1965), Coutinho (1978) e Câmara Jr. (1985).

Há casos registrados na passagem do latim para o português de transposição de segmentos, como as consoantes coronais /r, l, n, s/; de vogais e de glides; e de sílabas, como pode ser observado nos exemplos em (1).

(1) Exemplos de metáteses do latim para o português:

a) <i>Consoantes /r, l, n, s/</i>	b) <i>Vogais e Glides</i>	c) <i>Entre sílabas</i>
semper > sempre	ravia > raiva	chantar > tanchar
crepare > quebrar	primariu > primario > primeiro	
sibilare > silvar	geneculu > geolho > joelho	
remussiare > resmungar	enojar > enjoar	
anhelitu > alento		

Segundo Sá Nogueira (1958, p. 109), os fenômenos de metátese podem distribuir-se em três variedades: *progressiva*, quando há a transposição de um fonema da esquerda para a direita em um vocábulo (de *bridão* para *bidrão*); *regressiva*, quando há uma transposição de um fonema da direita para a esquerda (de *festra* do latim *fenestra*, para *fresta*) e *recíproca*, quando envolve a transposição entre dois fonemas de um mesmo vocábulo (de *canalização* para *calanização*).

Há vários exemplos no português antigo que permitem verificar os diferentes casos apontados por Sá Nogueira. Exemplos na diacronia são freqüentes e demonstram movimentações de segmentos tanto para esquerda como para a direita, como atestados em (2):

(2) Exemplos de Metáteses em Textos Antigos em PB, segundo a direção de deslocamento

<i>direita</i> → <i>esquerda</i>	<i>esquerda</i> → <i>direita</i>
preguiça ~ perguiça	prove ~ pobre
garganta ~ graganta	preto ~ perto
guerlande ~ grinalda	pretender ~ pertender
espírito ~ esprito	estupro ~ estrupo

Ali (1968) reconhece que já no português antigo era comum a metátese envolvendo a líquida vibrante, e a justificativa era a busca

¹ O registro da metátese é um dos casos mais freqüentes em dados de português histórico. Por tratar de transposição de segmentos, não há problemas em se identificar se o dado registrado tem interferências do sistema gráfico e ortográfico, o que é um problema para o estudo de variáveis fonológicas em textos escritos antigos. Maiores detalhes, ver MONARETTO, V. N. O Estudo da Mudança de som em registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 117-135, 2005.

pela contigüidade com outras consoantes, a exemplo de “t”, “p”, “f”, como em “perverter > preveter”, “torcer > trocer”, “fermoso > fremoso”. O autor atesta tais ocorrências em textos de língua padrão de escritores como Fernão Lopes, Vieira e Leite de Vasconcelos

A maior parte de casos de reordenamento ocorre ou apenas com o rótico /r/ ou envolvendo o rótico e a lateral /l/, mas há, no português arcaico, a transposição de /d/, como em *palude* > *padule*, segundo registra Silva Neto (1956, p.221). Historicamente, os segmentos /l, r, n, d/, além de serem os desencadeadores da metátese, são solidários em outros processos fonológicos, como a dissimilação, evidenciando que os sons envolvidos pertencem a uma classe fonológica e que são influenciados por padrões de língua.

Embora a dissimilação seja menos freqüente que a assimilação, um som não pode ser transformado em qualquer outro, e a motivação para o processo estabelece-se na organização dos traços segmentais. Segundo Lloret (1997), a dissimilação é um processo fonológico de alteração de um segmento para evitar seqüências de segmentos iguais restringidas pelo Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), como pode ser observado em *liliu* (latim) > *lirio* (português). A dissimilação é o efeito de superfície de duas operações: desligamento e preenchimento *default*. Há, assim, o desligamento de traços para que um segmento perca a semelhança com outro, e novos traços sejam inseridos para constituir um som distinto.

Conforme Lloret (1997), a dissimilação das consoantes soantes, nasais e líquidas, apesar de esporádica, é um fenômeno recorrente nas línguas românicas, causador de mudanças e de variação sincrônica. Há uma tendência geral nas línguas românicas de nasais e laterais passarem a vibrantes, como ocorreu, por exemplo, em *anima* (latim) > *arma* “alma” (italiano siciliano) e em *locale* (latim) > *lugar* (português); de vibrantes passarem a laterais, como em *arbitriare* (latim) > *albirar* (catalão) e *alvidrar* (português) e, embora mais rara, há a possibilidade de nasais passarem a oclusivas ou laterais, como em *memorare* (latim) > *lembrar* (português), e em *barcinone* (latim) > *barcelona* (espanhol) e laterais passarem a nasais, como em *qualsevol* ~ *quansevol* “qualquer um” (catalão).

Além do fato de as consoantes que sofrem transposição compartilharem processos fonológicos, como a dissimilação, há dúvidas sobre a natureza da metátese e seu comportamento variável e fonológico. Como ocorre? Por que ocorre? Em que circunstâncias? Sob que condições? Como interage com outros aspectos que afetam a estrutura sonora? Algumas das respostas a essas perguntas poderão ser vistas na seção 5 desse trabalho.

A metátese parece ser freqüente entre as líquidas não-laterais, como é o caso do rótico, que se mostra o preferido na mudança e variação, ao contrário da lateral, que se mostra vocalizar-se em posição de coda no PB. Normalmente o /r/ é requerido na diacronia no lugar da lateral em grupos consonantais já existentes (*fluxu* > *frouxo*); na criação de grupos derivados por síncope em proparoxítonas (*abóbora* ~ *abobra*).

No PB, parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolaridade, principalmente, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização. Dados de fala do Sul do País, obtidos no banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País, VARSUL (1989), revelam que a metátese ocorre em poucos casos. Por outro lado, dados dos *corpora* provenientes do Nordeste evidenciam a ocorrência mais larga desse fenômeno. Em ambas as regiões, seqüências com /p/ são as preferidas (*pretender*, *preciso*, *perguntar*, *prateleira*, *pedestre* etc.), e os deslocamentos em estruturas CC para CVC parecem sofrer algum estigma social.

4 Compreensão dos dados relativos à metátese

Como foi dito na seção 3, a metátese é um fenômeno recorrente na história do PB. Por essa razão, fez-se um levantamento em dados lingüísticos do século XVII ao XXI, extraídos das fontes apresentadas abaixo, elencadas em ordem cronológica:

a) Século XVII:

TELLES, Henrique Moniz. Carta de Henrique Moniz Telles, escrita na Bahia de Todos os Santos, em 5 de Junho de 1638. In Galindo, Marcos (Org.) *Cartas da Bahia*. Introdução e notas de Pablo Antonio Iglesias Magalhães. Manuscrito do Fundo Geral da Biblioteca de Lisboa, número 1555, folhas 292 a 298. Recife: Nectar, no prelo.

b) Séculos XVIII e XIX:

FONSECA, Maria Cristina de A. P. Caracterização lingüística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX. João Pessoa, 2003.

c) Século XIX:

OLIVEIRA, Klebson. Negros e escrita no Brasil do século XIX. Salvador: UFBA, 2006.

d) Séculos XX/XXI: – Dados de fala espontânea:

HORA, Dermeval. Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba, 1993.

TELLES, Stella. *Corpus* do Português Falado no Estado de Pernambuco, 2005.

Projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País, VARSUL, 1989.

As fontes acima correspondem a dados do português falado nas regiões Nordeste e Sul do Brasil, em se tratando do Nordeste, especificamente nos estados da Bahia, Pernambuco e Paraíba, que se situam historicamente nos cinco séculos (XVII – XXI). Quanto às variedades lingüísticas, as variedades padrão e não-padrão foram definidas a partir da consideração socio-histórica dos tipos dos textos e autoria dos mesmos. Os dados do português não-padrão estão presentes apenas a partir do século XIX, em face da dificuldade de se encontrar registro de escrita correspondente à língua não-padrão.

O quadro abaixo fornece maior visualização dos dados disponíveis, considerando a caracterização dos mesmos quanto aos dois fatores *tempo histórico* (século em que se situa o corpus) e *variedade lingüística*:

Variedade	Tempo histórico (Século)				
	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
Padrão	x	x	x	x	x
Não-padrão			x	x	x

Após identificação dos casos de metátese nos dados, precedemos à organização dos mesmos, comparando os fenômenos, verificando a sua freqüência nos textos particulares e a sua ocorrência através dos séculos. Visando ao entendimento diacrônico do processo de metátese no PB, partimos da fonte histórica das palavras (no latim) que apresentavam o fenômeno, uma vez que a informação estrutural daquelas seria de relevância fundamental para classificação dos fenômenos encontrados e entendimento/interpretação de sua ocorrência ou não nos diferentes textos. No quadro a seguir, apresentamos o resultado de nosso procedimento de análise. O **negrito** nas palavras baixo evidencia o elemento que desenvolve a metátese, e a **caixa alta** indica a efetuação do processo:

Fonte histórica (Latim)		Séculos XVII-XIX (padrão)		Atual XX-XXI (padrão)		Atual XX-XXI (não-padrão)		Século XVIII (não-padrão)
permittere	>	pRem itir	>	per mit ir	<	pRem itir	<	pRem iti(a)
proferere	>	poRfer ir	>	pro fer ir	<	poRfer ir	<	peRfer ir
praecunctare	>	preg unta	>	peRg untar	<	preg untar	<	prog unta
fervere			>	f erver		f Rever		
vermiculu			>	v ermelho		v Remelho		

Com a ocorrência sistemática de um mesmo fenômeno em todos os períodos históricos, nas duas variedades, foi plausível hipotetizarmos a possibilidade de ocorrência do fenômeno em palavras particulares

não constantes nos *corpora* dos períodos anteriores ao presente, mesmo quando sua ocorrência era apenas atestada em um dos séculos observados. Nesse sentido, consideramos válidos os dados como os constantes nas duas últimas linhas do quadro apresentado acima, que se referem à verificação da metátese apenas em dados atuais, para a interpretação do fenômeno no PB. Por outro lado, o mesmo não se processa quando se tratam das variedades da língua. Como pode ser observado no quadro acima, há uma tendência de a variedade padrão atual coincidir com a fonte histórica do latim, ou seja, não apresentar fatos de metátese. Entretanto, dos séculos passados, registros de variedades padrão são ricos em casos de metátese, sinalizando para a possibilidade de o fenômeno ter sido variável na fala considerada “cultura”, particularmente antes da institucionalização do ensino no país, quando fatores externos ganham força na regulação da norma.

Além disso, o fenômeno observado em textos históricos oficiais, e, portanto, presumidamente, da variedade padrão, correspondem a apenas um dos subtipos observados de metátese no português, cuja classificação segue abaixo. Com isso, dizemos que apesar de a metátese atual, encontrada em variedade não-padrão, ser reflexo da existência do fenômeno em variedade padrão dos séculos anteriores ao presente, essa afirmação não é válida para todos os casos – ou tipos – de metátese observadas sincronicamente no português de hoje.

5 Descrição dos dados com base nos modelos teóricos (Blevins e Garrett, 2004; Hume, 2004)

O procedimento de análise dos dados consistiu na aplicação da tipologia de metátese proposta por Blevins e Garrett (2004) e na interpretação do fenômeno, em face do *General Model of the Interplay of External Forces and Phonology*, refletido por Hume (2004), e, por sua vez, pautado no *Modelo da Interação de Percepção de Fala e Fonologia* de Hume e Johnson (2001).

No exame dos dados referentes aos séculos XVII, XVIII, XIX, XX e XXI, que constituíram o corpus deste trabalho, foram encontrados casos de metátese que podem ser classificados em dois dos quatro tipos propostos por Blevins e Garrett (2004): as metáteses *perceptual* e *compensatória*.

Os fatores que se mostraram relevantes na descrição da regularidade de comportamento da metátese e a sua tipificação no PB foram: 1. direção do segmento, 2. tonicidade da palavra, 3. posição da(s) sílaba(s) envolvida(s), e 4. domínio prosódico. Desses, o domínio prosódico apresenta uma restrição válida para ocorrência de metátese, nomeadamente a da palavra morfológica. Com isso estamos dizendo

que fronteira de morfema, no interior da palavra, ou seqüência de palavra e clítico não desencadeia processo de metátese.

I. Metátese Perceptual

Envolve o rótico na segunda posição de ataque complexo (CrV) ou em coda silábica (CVr). O segmento rótico pode migrar no interior de uma sílaba, tratando-se, portanto, de fenômeno que envolve a permuta posicional entre segmentos tautossilábicos adjacentes. Por envolver segmentos adjacentes, esse processo é também conhecido como metátese “local”. Um outro comportamento do rótico em metátese perceptual caracteriza-se pela migração do segmento em uma sílaba para outra, no que se observa um processo heterossilábico entre segmentos não adjacentes. Ao contrário do primeiro caso, esse último é considerado como caso de metátese “não local” (à distância) (GRAMMONT, 1946; BLEVINS; GARRETT, 2004) por envolver a migração do segmento para além dos segmentos contíguos. Salientamos que nos dados do PB não foram observados casos de metátese heterossilábica entre segmentos adjacentes. Exemplos de metátese perceptual são fornecidos em (3):

(3) Metátese Perceptual Tautossilábica:

- (a) tor.cer > tru.cer
- (b) dor.mir > dru.mir
- (c) pro.fe.rir > por.fe.rir
- (d) pre.sidente > per.sidente

– Quanto à direção:

O rótico em metátese perceptual tautossilábica pode migrar de uma posição de coda para a de segunda posição de onset complexo – CVr > CrV – (dados a e b) ou, reversamente, o rótico pode sair dessa última posição para ocupar a de coda silábica – CrV > CVr – (dados c e d). Em ocorrendo na mesma sílaba, as duas possibilidades de migração do rótico resultam na bidirecionalidade do fenômeno, revelando uma simetria direcional, porém com *notável* preferência do movimento à esquerda.

Em sendo a freqüência predominante do processo com direção à esquerda, a tendência maior é a formação de onset complexo e a perda de coda silábica.

– Quanto ao acento:

Mesmo podendo envolver segmento em coda, a metátese perceptual não é motivada pelo acento, pois ocorre tanto em sílaba pretônica como tônica. Nos exemplos abaixo, as sílabas tônicas estão indicadas com o itálico.

- força* > froça
- cravícula* > carvícula

– **Quanto à posição da sílaba envolvida:**

A tendência observada na ocorrência da metátese perceptual (incluindo a do tipo heterossilábica) é a de o fenômeno se dar no início da palavra, mais recorrentemente em sua primeira sílaba.

perturbação > preturbação
formiga > fromiga
tormenta > trumenta

– **Restrição fonotática e contextual:**

Em termos das restrições que inibem a ocorrência da metátese perceptual tautossilábica, o comportamento da língua revela-se condicionado à fonotática e ao contexto seguinte.

Do ponto de vista da fonotática, a metátese não ocorre quando a migração resulta em seqüência mal formada na língua:

larva < *lrava
morte < *mrote

Em termos do contexto seguinte ao rótico em coda, os dados confirmam maior tendência à preservação da coda, quando a consoante seguinte é [- contínuo], e favorecimento à metátese quando o segmento é [+ contínuo], como em 4a e 4b, respectivamente:

(4a) porco > *proco
fortalecer > *frotalecer
(4b) força > froça
perseguir > presseguir

Como foi dito acima, a tendência saliente da direção da metátese é a do deslocamento do rótico à esquerda de sua posição na palavra. A metátese tautossilábica, implica necessariamente a passagem do segmento em coda para segunda posição de onset, conforme já descrito.

b) Metátese Perceptual Heterossilábica:

Quando a metátese é heterossilábica, o rótico pode ocupar as duas posições já mencionadas (coda ou onset), porém preservará sua posição ocupada na sílaba de origem: CrV > CrV (dados 5a e 5b) e CVr > CVr (5c e 5d).

(5a) po.bre > pro.be
(5b) vi.dro > vri.do
(5c) ca.der.ne.ta > car.de.ne.ta
(5d) la.gar.to > lar.ga.to

– **Quanto à direção:**

Em metátese perceptual heterossilábica há uma quase categórica restrição direcional, definindo uma assimetria na migração do rótico, que se desloca à esquerda de sua posição lexical. O rótico em metátese

migra comumente para uma sílaba anterior, em geral a adjacente à sílaba de origem, definindo a direção predominantemente à esquerda, no interior da palavra.

es.tru.pí.ci.o > *es.tu.prí.c.i.o

O caso abaixo, embora aparentemente isolado, evidencia a ocorrência da metátese perceptual heterossilábica com direção à direita:

pro.tes.tan.te > po.tres.tan.te

– **Quanto ao acento:**

A metátese heterossilábica não é condicionada pelo acento. Entretanto, sua ocorrência é preferencial em direção à sílaba tônica, sobretudo em palavras dissílabas, em que o rótico está na posição de onset (dados em 6). Caso que não coincidem com esse comportamento mais geral são fornecidos em (7). As sílabas acentuadas estão em itálico:

(6) *pedra* > *preda*

cobra > *croba*

cobre > *crobe*

tigre > *trige*

(7) *dobrar* > *drobar*

estuprar > *estrupar*

gangrena > *grangena*

vinagre > *vrínage*

– **Restrição fonotática:**

É observada larga ocorrência da metátese do rótico em posição de onset, conforme dados em (6) e (7), em que se encontra o subtipo CV.CCV > CCV.CV. Restrições fonotáticas são as bloqueadoras do processo, como em (8):

(8) *sobra* < **sroba*

rubro < **rrubo*

lastro < **lraсто*

sofrer < **srofer*

Além do rótico, são observados casos de metátese do tipo perceptual heterossilábica envolvendo a sibilante alveolar /s/ em coda, em palavras que compartilham da mesma base radical, como pode ser visto em (9):

(9) *sa.tis.fa.ção* > *sas.ti.fa.ção*

sa.tis.fe.i.to > *sas.ti.fe.i.to*

Até onde foi possível atestar, outros radicais na língua não apresentaram a ocorrência do fenômeno envolvendo a sibilante.

II. Metátese Compensatória

A metátese compensatória envolve antecipação de VOGAL alta na penúltima sílaba de palavra para posição de coda de sílaba precedente acentuada. Abaixo são fornecidos exemplos da metátese compensatória. Para facilitar a verificação dos processos, os dados seguem transcritos foneticamente:

GRAFIA PADRÃO	FONÉTICA PADRÃO	VARIAÇÃO COM METÁTESE	VARIAÇÃO COM APAGAMENTO
(01) tábua	'tabue	'tawbe	*'tabe
(02) água	'ague	'awge	*'age
(03) perpétua	peh'petue	peh'pewte	*peh'pete
(04) estátua	eʃ'tatue	eʃ'tawte	*es'tate
(05) lábio	'labiu	'lajbu	*'labe
(06) radio	'hadiu	'hadjɔ ~ 'hajdu	*'hadu
(07) ódio	'odiu	'ɔjdɔ ~ 'ɔjdu	*'odu
(08) comédia	ko'medie	ko'mejdɔ ~ ko'medɔ	*ko'mede
(09) vigário	vi'gariu	vi'gajru	vi'garu
(10) armário	ah'mariu	ah'majru	ah'maru
(11) farmácia	fah'masie	fah'majsɛ	fah'masɛ
(12) negócio	ne'gɔsiu	ne'gɔjsu	ne'gɔsu
(13) paciência	pasi'ɛsie	pasi'ɛjsɛ	pasi'ɛsɛ
(14) hóstia	'ɔʃtie	'ɔʃtɛ	'ɔʃtɛ
(15) réstia	'heʃtie	'heʃtɛ	'heʃtɛ
(16) ânsia	'ɔsie	'ɔsɛ	*'ɔsɛ

O fenômeno da metátese compensatória envolve as três últimas sílabas da palavra, é heterossilábico e motivado pelo acento. A sequência silábica sofre a seguinte alteração:

'CV1.CV2.V3 → 'CV1V2.CV3 (~ CV1.CV3)

A motivação acentual para a ocorrência do fenômeno segue a tendência da língua a simplificar padrão acentual proparoxítono e a desfazer hiatos, muito comum em variedades não-padrão do PB, e largamente observada em palavras paroxítonas sem hiatos finais: (cócegas > cosca, áspero > aspro etc). A metátese vocálica cria um ditongo bem-formado para a fonotática do PB.

Ainda nas palavras que sofrem a metátese vocálica, a tendência a desfazer a proparoxítona com a redução do número de sílabas se cumpre através do apagamento da penúltima vogal da palavra. Esse comportamento é visto dos exemplos de número (09) a (15). Interessantemente, nesses casos em que se opera o apagamento, a opção da metátese cria ditongos fonéticos idênticos contextualmente àqueles considerados não lexicais (BISOL, 1994). Por outro lado, naquelas

palavras nas quais a metátese resulta na formação de ditongo fonético idêntico aos verdadeiros ditongos da língua (dados de 01 a 08), a regra opcional de apagamento não é permitida. Com a observância desse comportamento, consistente com o da redução de ditongos, se considerarmos parâmetros derivacionais, podemos dizer que para a reestruturação do padrão acentual (proparoxítono > paroxítono) a metátese é um processo que ocorre antes do apagamento da penúltima vogal.

Nesse sentido, a metátese não apresenta restrição de contigüidade segmental e ocorre independente da natureza da consoante precedente; diferente, portanto, da metátese consonantal (perceptual) descrita na seção anterior.

6 Considerações finais

Esse estudo não esgotou o fenômeno de metátese no PB, entretanto os casos de metátese levantados e analisados já parecem suficientes para que consideremos o fenômeno como não aleatório ou irregular nessa língua.

Ao tomarmos como parâmetros para a análise a origem latina das palavras e a ocorrência sistemática de diferentes casos de metátese na seqüência histórica da língua e em diferentes variedades, pudemos melhor mapear a regularidade do processo, a sua evolução e o seu status atual no português. De acordo com o apresentado, a metátese foi operante em todos os séculos, independente da variedade lingüística. A frequência do fenômeno em textos oficiais, sendo esses presumivelmente representantes de variedade padrão, fortalece a hipótese de que a metátese no passado ocorria largamente como regra variável, não condicionada socialmente.

Por outro lado, o mesmo não se processa no presente. Textos atuais de variedades padrão, sejam de fala ou de escrita, não apresentam a regra variável da metátese (português atual coincide com a fonte histórica do latim). Observando o curso da evolução da língua, tendo em vista a variedade padrão do presente, que é amplamente uniformizada, comprovamos uma tendência conservadora do PB, particularmente no que se refere à metátese. Por essa razão, fenômenos tomados como metátese sincrônica decorrem ou de variedade não-padrão ou de mudanças já implementadas na língua, e, portanto, lexicalizadas, como é o caso do item “perguntar”, que na origem latina apresentava na primeira sílaba da palavra um onset complexo com a líquida /r/ e não a coda sincrônica. Por outro lado, tendo em vista esse comportamento da língua, consideramos que as evidências de metátese sincrônica em variedade não-padrão sinalizam para a sua também ocorrência no passado, independente da variedade considerada,

mesmo quando os dados correspondentes não foram encontrados no corpus histórico.

Com essas observações, e diferente do que é largamente assumido das descrições gramáticas históricas, podemos admitir que o fenômeno da metátese no processo evolutivo do PB, pelo menos considerando variedades em uso na região Nordeste do Brasil, não se restringia entre os séculos XVII-XIX a variedades menos cultas, e não correspondia a “erros/lapsos” de fala. Assim, também, se desfaz a idéia, alternativa a do erro, de que a metátese resulta de processo de mudança diacrônica estritamente localizado em alguns itens do léxico, tal como em “sempre” que passou a “sempre”, no português padrão.

Por fim, entendemos que fatores mais sincrônicos, explicados pela indeterminância de sinal ou otimização, de um lado, considerados por Hume (2001, 2004), ou fatores pautados no processo evolucionário da fonologia, de acordo com Blevins e Garrett (1998, 2004) precisam ser tomados conjuntamente e associados a fatores de natureza sociolinguística, a fim de alcançarmos uma explanação satisfatória do fenômeno de metátese no PB.

Referências

- ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965. p. 46-47.
- VERY, P.; RICE, K. On the Relationship between laterality and coronality. In: *Phonetics and Phonology*. The special status of coronals. Academic Press, Inc., 1991. v. 2.
- BRADLEY, Travis G. *Metathesis in judeo-spanish consonant clusters*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 79-90.
- BLEVINS, J. *Evolutionary phonology: the emergence of sound patterns*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BLEVINS, J.; GARRETT, Andrew. The evolution of metathesis. In: HAYES, Bruce; KIRSCHNER, Robert; STERIADE, Donca (Ed.). *Phonetically based phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BISOL, L. *O acento: duas alternativas de análise*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n. especial. 1994.
- CÂMARA JR., J. C. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMPBELL, Lyle. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburg: Edinburgh University Press, 1998. p. 37.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.
- EDWARDS, Mary Louise; SHRIBERG, Lawrence D. *Phonology: applications in communicative disorders*. San Diego: College-Hill, Inc., 1983. p. 76.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. *Caracterização lingüística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX*. Recife: UFPE, 2003.

HOLT, D. E. Optimization of syllable contact Old Spanish via the sporadic sound change metathesis. *Probus*, v. 16, p. 43-61, 2004.

HORA, Dermeval. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 1993.

HUME, E. The indeterminacy/attestation model of metathesis. *Language*, v. 80, n. 2, p. 203-237, 2004.

_____. Methatesis: formal and functional considerations. In: HUME, E.; SMITH, Norval; WEIJER, Jeroen van de. *Surface syllable structure and segment sequencing*. HIL, 2001.

KIPARSKY, Paul. *The amphichronic program vs. Evolutionary phonology*. (mimeo)

LLORET, Maria-Rosa. When does Variability become Relevant to Formal Linguistic Theory? In: HINSKENS, F.; HOUT, R. V.; WETZELS, L. W. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1997. p. 181-206.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1945.

OLIVEIRA, Klebson. *Negros e escrita no Brasil do Século XIX: socio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Salvador: UFBA, 2006.

SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. 2. ed. Lisboa. Livraria Clássica, 1958.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1956.

TELLES, Stella. *Corpus do português falado no Estado de Pernambuco*, 2005.